

## EPISÓDIO 2 – LADO B

**eu não sentia no corpo ou lendo Moisés Alves, *Onde late um cachorro doido.***

eu não sentia isso no corpo talvez  
fosse um corpo ou uma tentativa  
de traduzir isso no corpo enquanto  
ela me perguntasse *por que há um  
cachorro no título do livro que você lê?*  
e eu dissesse ainda lendo que era  
uma expressão idiomática que era  
algo como uma espécie de pressa  
perdida prece por quem já não precisa  
da prece por aguardar com uma  
ânsia animal bestial o que a socorre  
ali na língua significando também  
que o viralatismo pode ser uma  
espécie de forma de flanar pelas ruas  
– e não apenas o viralatismo de toda  
essa política de subserviência ao ocidente  
capitalizado – uma forma portanto  
que porta a loucura das coisas que  
se organizam como um caos bêbado  
um modo com que as palavras e aí  
já é o livro do moisés possam se  
barroquizar não numa linha que falha  
mas nos seus infinitos desdobramentos  
seguidos de blocos de barreiras ou ainda  
e talvez muito mais forte aquilo que se  
abre entre o ruído e o resto já que eu  
não sentia isso no corpo e foi uma  
fome de amor que me lançou ali

ele dizia *ame a essa pessoa, a essa queda*  
*chegando, acolha-a sob sua tenda de*  
*gaze – viciada – em frondosos fiapos*  
*esse teto todo seu e amplo, de uma*  
*brutalidade vital* a quantos golpes desses  
podemos nos submeter até que o poema  
possa fazer sentido? em uma só força  
algo ali expele a cada vez o que seria

táctil ou algo que não tem mais chão  
a ausência matérica com que escreve  
o latido de um cão *um cão pode latir*  
*se não tem palavras?* vou pausadamente  
até aqueles espetros que montam  
sua morada espetros que o poeta também  
expulsa do diálogo selvagem entre corações  
*afastem-se*  
*deem o fora*  
*desapareçam* para falar de uma outra forma  
de contágio – a conquista de um corpo  
de um corpo próprio e não do corpo do outro  
aquele da dor não medicalizada – vide as notas  
de aulas com que ele dispara depois de ter  
sido alvo do disparo de um estudante –  
e tudo que ocupamos não são senão os restos  
de um poema que se tenta escrever  
sobre uma morada *como se a musculatura*  
*arranjasse um meio de parir*  
*seu poema* como se portanto algo pudesse  
nascer de um corpo – tudo nasce de um corpo  
fêmeo – e tomasse um longo tempo  
até encontrar o seu nome como se  
*após o primeiro lance de*  
*escada bater sem espanto na*  
*porta à esquerda e ir entrando*  
*como se*  
*a vida fosse uma coisa de*  
*cinema*  
mas um cachorro não tem idioma  
mas ele tem língua e é dela que aprendemos  
a lamber *sem interrupção lamber a coisa o seu*  
*ao-redor como língua de cachorro e a sua chaga,*  
*objeto de amor / folia do cão* e isso pode  
parecer bobagem quando se diz assim  
que devemos aprender do cão a lamber as coisas  
mas algo precisa ser traduzido para a pobreza  
da linguagem a pobreza do mundo dos animais  
combater fecundamente uma interrupção  
para torcer a golpes o estado de solidão  
que responde a outro *encharcado de solidão*  
e algo continua a falhar

os poemas aqui falam de falhas como fissuras  
como rostos que se expõem a riscos  
são esses uns sons que moisés alves me  
faz lembrar não mais com a cabeça  
mas com o corpo que se alinha àquelas  
*rochas de império que o mar desguardece quando*  
*maré baixa aquela floresta de fantasmas ele essa*  
*floresta* ou ao lembrar a sua idade ao lembrar  
que um ano depois ele nascia e um poema  
é como *um flash um clique, este acontecimento*  
*infotografável retido no ar* ou era do real que ele  
falava? nenhum tempo vence esse volteio  
trapaceado que o rumor festeja digo isso  
com o livro aberto no meu colo para fazer  
bom uso dele

*a carne animada* a quem se deve *rezar um poema*  
e eu me dobro sobre os poemas como quem  
devesse se dobrar a uma das infecções de ter tocado  
um outro como é de sua natureza tocar um outro  
– digo do poema é de sua natureza tocar um outro –  
e não o diga em voz murmurada em voz de quem  
quer esconder algo é preciso estar em guerra  
para que a vida entenda que ela faz parte disso  
isso ensina o poema ou isso ensina o cachorro  
que passa compassivo ou em sua agressão extremada  
em sua voragem do *não sabe como* do que é ter tido  
um dia uma mão e viver com ela – heidegger nunca teve  
razão sobre a manufatura do mundo – hoje  
é fatal a inscrição dessa mão mas ela precisa viver  
*como um bote sobre as coisas* é preciso que demos  
*um bote nas coisas e afetos* isso que poderia ter significado  
ter levado uma facada ou ter cortado o filme  
com uma navalha ou uma navalha sobre o rosto  
de mais um rapaz deixado ali na sarjeta para morrer  
tendo sido espancado um corpo materializando-se  
a golpes de martelo para que seu corpo possa  
despertencê-lo a vida *mostra ao rapaz no meio da festa*  
*a saída de emergência* e escrever já não é apenas  
o veneno daquele poeta muito santo das páginas brancas  
escrever com *letra dura* que *corre um ácido que o derrete*

*inteiro* é isso escrever sobre um rapaz que se vai  
ou que é deixado a ir  
moisés alves diz apenas que escreve ou melhor  
*fico com os restos muito delicados* tudo pode ser  
repetido e repetido como reler esse livro  
como tomar mais uma noite num furto num  
rapto não há nenhuma história que não se repita  
diferentemente – atenção rapazes não há nenhuma  
teleologia na história *what a pity* – então  
*aguardar com vela acesa o necessário chegar*  
isso pode custar caro ou custar o sangue  
*o gesto hábil de tornar estilhaço cada acontecimento*

são poemas do fim *o que ele pode dar?*  
o que vai desaparecer vai romper  
e num acolhimento qualquer grito cabe  
ter uma voz cabe mesmo que não faça senão latir  
– segunda pessoa que me diz isso hoje –  
já que *seguir a dois deixa-me frágil* eu também diria  
isso moisés porque isso extraí da vida  
um lugar para o corpo *dar ao precário, a esse*  
*lampejo, morada*

o livro não termina nos poemas  
você vira a última página em branco  
e está inscrito ali  
*moisés alves vive em salvador*

---

PS:  
o próximo será  
*Hoje como ontem ao meio-dia*  
do Heitor Ferraz Mello.

#### BIBLIOGRAFIA

Moisés ALVES, *Onde late um cachorro doido*. Rio de Janeiro: Circuito / Azougue, 2017.